



FACULDADE PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA AMAZÔNIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

JHEISE LOIANY P. MIRANDA

AUTOLESÃO: Uma expressão de Mal-estar na adolescência.

PARAUAPEBAS

2023

JHEISE LOIANY P. MIRANDA

AUTOLESÃO: Uma expressão de Mal-estar na adolescência.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA), como parte das exigências do Programa do Curso de Psicologia para a obtenção do Título de bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Diones Soares.

PARAUAPEBAS

2023

Miranda, Jheise Loiany;

AUTOLESÃO: Uma expressão de Mal-estar na adolescência.

Orientador: Professor Me. Diones Soares, 2023.

43 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia - FADESA, Parauapebas – PA, 2023.

Palavras – Chave: Autolesão; Adolescência; Mal-estar; Psicanálise.

Nota: A versão original deste trabalho de conclusão de curso encontra-se disponível no Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia – FADESA em Parauapebas – PA.

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste trabalho de conclusão, por processos fotocopiadores e outros meios eletrônicos.

JHEISE LOIANY P. MIRANDA



AUTOLESÃO: Uma expressão de Mal-estar na adolescência

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazonia (FADESA), como parte das exigências do Programa do curso de Psicologia para título de Bacharel.

Orientador: Dionis Soares de Souza.

Aprovado em: 19 / 06 / 2023.

Banca Examinadora



Diretor Acadêmico. Prof. Me. Mauricio Dias Braga
Faculdade Para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia



Prof. Milena Vieira de Sousa
Faculdade Para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia



Orientador. Prof. Me. Diones Soares de Souza
Faculdade Para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia

Data de depósito do trabalho de conclusão 19 / 06 / 2023.

Dedico esse trabalho em memória de
Deusdete Pereira de Lima Junior.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todo seu amor e compaixão, em momentos de angústia orei e acreditei em sua infinita bondade. Nesse momento de realização de um sonho, agradeço primeiramente a Ele.

Á minha mãe, Valkíria que sempre me encorajou a buscar o melhor em todos os aspectos da minha vida. Ao meu pai, Deusmar, que acreditou no meu potencial e ao meu irmão, Talison, que me inspirou e motivou durante toda minha jornada acadêmica.

Meu amor e gratidão ao meu esposo André, que passou junto comigo, noites em claro me dando apoio e incentivo quando eu me encontrava cansada e desanimada, que permaneceu comigo durante os momentos mais difíceis e compartilhou comigo os momentos mais importantes.

Agradeço meu filho, Enzo e minha filha, Mell, que são para mim, a maior expressão de amor que poderia existir, agradeço por me acompanharem em minha jornada, sendo meu combustível diário e me mantendo forte perante as tempestades.

Á minha querida tia Vanessa, por ler e reler meu trabalho, buscar informações contribuindo com seu tempo e sua visão crítica e ao mesmo tempo carinhosa a qual me despertou os melhores insights.

Aos meus amigos e familiares que não se ausentaram, mesmo em momentos turbulentos. A vocês, que sabem quem são, recebam minha gratidão.

Aos meus professores que me guiaram e me ensinaram a importância da pesquisa científica e do conhecimento. Esse trabalho não seria possível sem o apoio de vocês.

RESUMO

Este trabalho busca discutir os conceitos de autolesão, adolescência e mal-estar na psicanálise, levando em consideração a relevância atual desses temas para profissionais, pais e educadores que trabalham com adolescentes. Observamos que, atualmente, a adolescência é um período mais complexo, marcado por demandas emocionais, psicológicas, perdas e novas responsabilidades. Desde Freud (1930), sabemos que o psiquismo é influenciado por impulsos constantes e demandas excessivas. Na adolescência, no entanto, esses impulsos são potencializados pelas transformações da puberdade, o que pode levar a um aumento dos comportamentos destrutivos. Nós, então, examinamos o fenômeno da autolesão e como ele está conectado à angústia e ao mal-estar durante a adolescência. A incidência da autolesão muitas vezes é uma alternativa à dor psicológica, levando o indivíduo a agir impulsivamente e a recorrer à autoagressão para romper com a fantasia que está gerando tanto desconforto físico quanto emocional. Portanto, é importante investigar as causas mascaradas pelos sintomas psicossomáticos e compreender o desconforto que tais comportamentos acarretam tanto para o corpo quanto para a subjetividade. Além disso, procurou-se investigar objetivos secundários como: I) Compreender a formação histórica da adolescência; II) identificar os lutos elaborados na fase de adolescência e III) discorrer sobre a visão de alguns autores sobre o mal-estar na civilização, são eles, Sigmund Freud e Zygmund Bauman.

Palavras-chave: "Autolesão;" "Adolescência;" "Mal-estar; Psicanálise."

ABSTRACT

This paper seeks to discuss the concepts of self-harm, adolescence, and malaise in psychoanalysis, considering their current relevance for professionals, parents and educators who work with teenagers. We observe that adolescence is now a more complex period, marked by emotional and psychological demands, losses, and new responsibilities. Since Freud (1930), we know that the psyche is influenced by constant impulses and excessive demands. In adolescence, however, these impulses are intensified by the transformations of puberty, which can lead to increased destructive behaviors. We then examine the phenomenon of self-harm and how it is connected to anxiety and malaise during adolescence. The incidence of self-harm is often an alternative to psychological pain, leading the individual to act impulsively and resort to self-aggression to break the fantasy that is generating both physical and emotional discomfort. Therefore, it is important to investigate the underlying causes of psychosomatic symptoms and understand the discomfort that such behaviors entail both for the body and subjectivity. In addition, we sought to investigate secondary objectives such as: I) Understanding the historical formation of adolescence; II) identifying griefs elaborated in adolescence, and III) discussing the vision of some authors on malaise in civilization, namely Sigmund Freud and Zygmund Bauman.

Keywords: "Self-harm; Adolescence; Malaise; Psychoanalysis."

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABNT** - Associação Brasileira de Normas Técnicas
- IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- SciELO** - Scientific Electronic Library Online
- TCC** - Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 2. REFERENCIAL TEÓRICO..... | 14 |
| 2.1 ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO DA ADOLESCÊNCIA..... | 15 |
| 2.2 OS LUTOS ELABORADOS NA ADOLESCÊNCIA..... | 17 |
| 2.3 AUTOLESÃO: UM PEDIDO DE SOCORRO..... | 20 |
| 2.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O MAL-ESTAR NA ADOLESCENCIA..... | 22 |
| 3. METODOLOGIA..... | 26 |
| 3.1 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO..... | 26 |
| 3.2 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO..... | 26 |
| 4. RESULTADOS..... | 27 |
| 4.1 ASPECTOS GERAIS..... | 27 |
| 5. DISCUSSÃO..... | 32 |
| 5.1 COMPREENDER A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA ADOLESCÊNCIA..... | 32 |
| 5.2 DAS LUTAS E LUTOS DO ADOLESCENTE..... | 33 |
| 5.3 DAS MARCAS CORPORAIS E O MAL-ESTAR..... | 34 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 37 |
| 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 41 |

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste numa releitura dos conceitos de autolesão, adolescência e mal-estar em psicanálise, levando em conta, na atualidade, a escassez de material relacionado a esse tema e sua importância para profissionais, pais e educadores que lidam com esse público. Partimos da constatação, de que a adolescência se torna mais complexa diante das demandas psicológicas e emocionais além das perdas e novas responsabilidades envolto a esse período.

O adolecer é caracterizado como um período de grandes e transformações. Com o intuito de salientar aspectos relevantes na teoria psicanalítica sobre o referido período do desenvolvimento humano, procurando ainda estabelecer uma conexão entre a psicanálise e a fase de adolescência, abordaremos as perdas enfrentadas nesse período, que vão desde o luto pelo corpo de criança o qual passa por transformação pubertária a perda de identidade, pois a sociedade passa a exigir novas condutas desse jovem (ABERASTURY, 1981).

A inclinação pelos adolescentes dentro desse enredo leva em conta, principalmente, a intensidade dos conflitos internos relacionais a múltiplas experiências de mudanças. Sendo ainda experiências subjetivas, complexas e muitas vezes dolorosas além de geradoras de intensa angústia e de sofrimento psíquico, e com importantes consequências quanto a experiências e relações sociais. Conforme Alves (2020), a adolescência não se limita apenas a aspectos biológicos, já que muitas de suas particularidades estão relacionadas a influências socioculturais. Nesse sentido, trata-se de uma etapa em que a personalidade está em pleno desenvolvimento.

Consideramos aqui que desde Freud, (1930) o psiquismo se constitui sobre um campo pulsional, o qual implica uma situação de constante excesso e demanda do trabalho anímico. Contudo na adolescência, com suas transformações pubertárias, há uma certa potencialização de todos os excessos anteriores que pareciam ter sido ultrapassados e elaborados. As experiências da puberdade não permitem que o sujeito possa viver as mudanças corporais e organizar o seu mundo da mesma maneira que o fazia quando criança.

Passo, então, ao estudo do fenômeno da autolesão sobre a problemática da angústia e do mal-estar na adolescência. Com propósito principal de discutir o fenômeno da autolesão numa perspectiva psicanalítica. Além disso, procurou-se

investigar objetivos secundários como: I) Compreender a formação histórica da adolescência; II) identificar os lutos elaborados na fase de adolescência e III) discorrer sobre a visão de alguns autores sobre o mal-estar na civilização, são eles, Sigmund Freud e Zygmund Bauman.

No que diz respeito a temática da autolesão, Rosa, (2014), discorre que o aumento dos comportamentos autodestrutivos em escolas e entre adolescentes é uma questão de saúde pública que cresce progressivamente. Cada vez mais pessoas estão interessadas na temática investigada aqui, incluindo profissionais de diversas áreas, como psicologia, pedagogia, serviço social, medicina e enfermagem. Além de pais e professores preocupados com o aumento da incidência de autolesão entre adolescentes, principalmente em ambientes domésticos e escolares.

Autolesão vem a ser um termo utilizado para descrever comportamentos deliberados e repetitivos de causar dano ou dor a si mesmo, sem intenção de cometer suicídio. Esses comportamentos podem incluir cortes, arranhões, queimaduras, bater em si mesmo e outros métodos para causar dor física (GIUSTI, 2013). É importante ressaltar ainda que a frequência de autolesão entre adolescentes é elevada tanto na população em geral quanto nas amostras psiquiátricas, e embora não seja um fenômeno novo, há oferta é escassa de tratamentos comprovados (KLONSKY, GLENN, STYLER, OLINO, & WASHBURN, 2015).

Segundo Roudinesco (1998), A incidência de autolesão surge ainda como uma alternativa à dor psíquica que acomete o indivíduo, levando-o à passagem ao ato, sendo, uma maneira de romper o quadro da fantasia, cujo movimento evidencia-se na autoagressão. Portanto, torna-se necessário investigar as causas disfarçadas nos sintomas psicossomáticos nessa esfera, os quais provocam um desconforto no corpo além da subjetividade. Esses sintomas surgem na perspectiva individual, por meio dos efeitos da angústia no psiquismo e se transferem para o corpo através de manifestações somáticas, que se manifestam na pele sob a forma de cortes que silenciam os gritos de angústia e proporcionam alívio ao sofrimento.

Este trabalho busca levantar registros bibliográficos sobre adolescência e o mal-estar vivido nessa fase sob a luz da psicanálise, além de discutir a autolesão e suas possíveis causas, reconhecendo a importância de uma análise minuciosa do assunto. É fundamental levar em conta a capacidade dos profissionais de compreender os jovens e seus comportamentos. Destaca-se ainda que a prática da

autolesão, mesmo que pareça momentaneamente aliviar a dor emocional e física, não é benéfica para a pessoa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo estão inseridos os principais conceitos e teorias necessários para o desenvolvimento deste trabalho. Iniciamos com uma breve reflexão acerca da adolescência. Como são os conflitos relacionados as novas experiências vividas nessa fase, sendo uma fase que envolve lutos os quais podem ainda, gerar sofrimento e angústia ao adolescente. KNOBEL (1989), assegura que nesta fase se adquire a intitulada “síndrome da adolescência”, que se destaca por alguns aspectos:

1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal, em que o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, desde o autoerotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações de humor e do estado de ânimo (KNOBEL, 1989, p.29).

De acordo com as ideias de Freud, a fase de transição da infância para a adolescência é marcada por uma grande dor emocional, uma vez que é necessário enfrentar diversas mudanças em um período relativamente curto de tempo. É necessário lidar com a perda da crença nas fantasias infantis, fazer novas escolhas e ter pensamentos diferentes, procurar novos conhecimentos e vivenciar novas experiências (FREUD, 1925).

Com o objetivo de tratar a temática autolesão, mencionaremos em primeiro lugar um estudo realizado por Giusti, (2013). Destaca-se que há falta de acordo sobre como definir o comportamento auto lesivo, dificulta determinar a frequência com que ocorre. Em sua pesquisa Giusti, (2013), faz um levantamento acerca dos motivos que levam uma pessoa a ferir a si mesma. Sendo que, a maioria relata alívio imediato de sensações ruins, enquanto busca por atenção está em menor frequência.

Essa autora, identifica a presença de diversas comorbidades - de acordo com a lista adequada à psiquiatria - como depressão, distúrbios alimentares, ansiedade, estresse pós-traumático e transtorno de personalidade borderline.

Aparentemente, estas condições podem ser um fator contribuinte para a persistência da automutilação na fase adulta. Isso ocorreria porque este comportamento pode ser utilizado como uma estratégia para lidar com emoções negativas ligadas às perturbações psiquiátricas mencionadas (GIUSTI, 2013).

Em todo caso, levando em consideração que a nossa base teórica é a psicanálise, o sintoma na área médica está diretamente ligado à interpretação do médico do que ele observa, o que significa que o profissional é quem possui o conhecimento sobre o que o paciente apresenta. Por outro lado, para a psicanálise, o sintoma, apesar de ser um elemento simbólico que representa algo que precisa ser interpretado, carrega em si uma verdade fundamental sobre o indivíduo, que é a sua essência mais real. Considerando esses pontos, vamos agora abordar a exploração das seções estabelecidas para entender a adolescência e a autolesão com base na teoria psicanalítica.

2.1 ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO DA ADOLESCÊNCIA

Adotamos o conceito de adolescência definido pela Organização Mundial de Saúde (2007), que abrange a faixa etária dos 10 aos 19 anos por considerar seus aspectos biológicos e sociais essenciais para essa pesquisa. Para Lirio (2012), a faixa etária entre 12 e 18 anos estabelecida pelo ECA pode ser insuficiente, pois é resultado de uma ação legalista que identifica a maioridade civil como fim da adolescência no Brasil, o que exclui os primeiros dois anos da fase inicial da adolescência, onde as transformações corporais e psicológicas iniciam, e os dois anos finais, quando o adolescente se integra no mundo adulto. Lirio (2012), discorre ainda sobre a diferença de adolescência e puberdade, demonstrando que são conceitos diferentes.

A adolescência engloba não apenas os aspectos biológicos da puberdade, mas também os elementos psicossociais influenciados por fatores culturais, que não são desencadeados apenas pelos impulsos fisiológicos. A puberdade é um indicador universal para o ser humano, permeado por valores morais e éticos, mesmo em culturas que não reconhecem a adolescência socialmente. É um sinal de ritos de iniciação, escolhas de papéis e construção de relações para a vida adulta do indivíduo. Ela marca a morte simbólica da criança e o nascimento do adulto (POLETTI, JULIA ET AL. HALL, STUART, 2014).

Buscamos através de estudos da Autora Ana Bock (2007), compreender, como se constituiu historicamente este período do desenvolvimento. A referida autora, relata que por muito tempo a adolescência foi concebida apenas como uma etapa do desenvolvimento humano, sendo naturalizada e percebida como um período frágil ou uma fase difícil.

Como fase do desenvolvimento, as características são universais e inevitáveis. Tomadas como fruto do desenvolvimento são também naturalizadas. É da natureza do homem e de seu desenvolvimento passar por uma fase, como a adolescência. As características dessa fase, tanto biológicas quanto psicológicas, são naturais. Rebeldia, desenvolvimento do corpo, instabilidade emocional, tendência à bagunça, hormônios, tendência à oposição, crescimento, desenvolvimento do raciocínio lógico, busca da identidade, busca de independência, enfim todas as características são equiparadas e tratadas da mesma forma, porque são da natureza humana (BOCK 2004, pg37)

No decorrer de seu estudo, Bock, revela que a adolescência é um momento significativo, uma construção social com repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem. Esta autora traz a adolescência como um período caracterizado pela latência social que surge da organização capitalista da sociedade, impactada por necessidades como a entrada no mercado de trabalho e a extensão da educação técnica. Esses fatores históricos e sociais moldam uma fase de distanciamento do trabalho e preparação para a vida adulta, com a exploração de elementos como as mudanças no corpo e a relação com os adultos para a construção de significados.

Não há nada de patológico; não há nada de natural. A adolescência é social e histórica. Pode existir hoje e não existir mais amanhã, em uma nova formação social; pode existir aqui e não existir ali; pode existir mais evidenciada em um determinado grupo social, em uma mesma sociedade (aquele que fica mais afastado do trabalho) e não tão clara em outros grupos (os que se engajam no trabalho desde cedo e adquirem autonomia financeira mais cedo). Não há uma adolescência, enquanto possibilidade de ser; há uma adolescência enquanto significado social, mas suas possibilidades de expressão são muitas (ANA MERCÊS BAHIA BOCK, 2007).

Em contribuição com a autora acima, Lirio (2012), afirma que na Antiguidade, era comum considerar a fase anterior ao momento em que o indivíduo se tornava totalmente responsável como adulto como um período delicado, exceto por raras exceções. As culturas antigas retratavam os jovens como naturalmente rebeldes e pouco afeitos às convenções sociais, incapazes de fazer escolhas sensatas sem a orientação dos mais velhos.

Este mesmo autor relata que, tanto na antiguidade quanto durante a Idade Média, o conceito contemporâneo de adolescência não existia, sendo essa fase confundida com a infância ou a juventude adulta, chamada de *Juventus* em Roma. Para sinalizar a transição das vestimentas infantis para as de um adulto, era comum haver rituais de passagem que variavam entre as culturas e as idades, mas sempre destacando os traços visíveis da entrada na puberdade, tais como pelos nas axilas, na genitália e na face dos meninos, além do desenvolvimento dos órgãos sexuais.

Lirio (2012), descreve que, na Idade Média, era prática comum enviar as crianças, após o desmame, que ocorria entre os seis e oito anos de idade, para passarem por um período semelhante à adolescência na casa de algum artesão ou profissional, a fim de aprenderem boas maneiras. Essa prática tinha um objetivo funcional, que era prepará-las para assumir a posição inerente à sua respectiva classe social. O cerimonial, ainda que simples, continha valores importantes que eram socialmente significativos, validando moralmente a criança como membro daquela comunidade.

Em seus estudos o autor, (2012), explica que a cultura ocidental começou a observar a presença do adolescente a partir do século 19, sem a existência de rituais que definam essa transição da juventude para a vida adulta. A origem do conceito de adolescência, como uma fase distinta da vida, coincidiu com a ascensão do individualismo, que é um dos principais valores da sociedade moderna.

O termo adolescente, consolidou-se durante os anos que sucederam a Primeira Guerra Mundial, em conjunto com o crescimento da cultura de massa e a cultura do consumo, especialmente na segunda metade do século XX. Então, percebeu-se uma distinção entre jovens e não-jovens, que passaram a ditar e elaborar os rumos da moda e da cultura.

Talvez o século atual, segundo os estudos de Lirio, (2012), seja marcado pela busca por uma compreensão singular da figura do adolescente em relação aos demais, porém sem necessariamente valorizá-lo. Em suma, a adolescência é uma fase de grande importância e complexidade na vida humana, marcada por mudanças físicas, psicológicas e sociais. A construção desse período depende de diversos fatores individuais, culturais e sociais, e pode ser uma experiência muito desafiadora para os jovens.

2.2 OS LUTOS ELABORADOS NA ADOLESCÊNCIA

De acordo com Maurício Knobel, (1981), os adolescentes enfrentam desequilíbrios e instabilidades extremas que podem se manifestar em comportamentos psicopatológicos. No entanto, esses comportamentos são considerados normais para esta fase do desenvolvimento, pois são experiências necessárias para alcançar a maturidade. Knobel chama essa coleção de sinais e sintomas que definem a adolescência de "síndrome da adolescência normal."

A busca pela própria identidade é um processo contínuo e fundamental na vida de cada pessoa. Essa identidade, que é compreendida como a consciência individual de si mesmo enquanto ser em relação ao mundo, sendo construída ao longo da existência e é particularmente importante durante a fase da adolescência. Durante esse período, as mudanças progressivas no corpo e no modo de perceber a si mesmo, levam o adolescente a experimentar diferentes comportamentos em diversas situações, que configuram variações temporárias, circunstanciais e ocasionais da identidade adolescente (KNOBEL, 1981, PG.29)

M. Knobel, menciona que a procura por conformidade é uma conduta de proteção que proporciona segurança e autoestima. Durante a adolescência, o fenômeno de grupo assume uma relevância extraordinária, visto que o indivíduo transfere para os companheiros parte da dependência que mantinha com a família. Desse modo, a dependência do jovem em relação aos valores do grupo se torna uma escravidão, levando-o a buscar aplausos e baseando sua autoavaliação na aceitação externa. Nesse estágio, ele ainda não tem consciência de que a busca pela aprovação dos outros é, na verdade, a busca pela validação de si mesmo.

No começo da fase da adolescência, os grupos são compostos majoritariamente por indivíduos do mesmo gênero, contudo, conforme vão amadurecendo, sentem-se mais confortáveis para se aproximar de adolescentes do gênero oposto.

Autores contemporâneos como Aberastury e Knobel, (1981), afirmam, que o adolescente se depara com três lutos simbólicos: luto referente à perda do corpo infantil no qual o corpo passa por um processo biológico de modificações, gerando desconforto, mais facilmente percebido nas fases iniciais da adolescência. O luto pela perda da identidade infantil, onde, a sociedade passa a exigir comportamento diferente daquele mostrado até o momento, com novas responsabilidades e

deveres. E o luto pelo relacionamento com os pais da infância, os pais deixam de ser vistos como ídolos ou heróis e passam a ser vistos como pessoas com capacidade de errar.

Em seu livro "Adolescência Normal" Aberastury, (1981), investiga como o desenvolvimento normal dos adolescentes é influenciado pelas relações interpessoais da infância, as quais são perdidas durante o processo de luto citado anteriormente. Esse processo pode levar à instabilidade característica dessa fase.

Seguindo ainda, a linha de pensamento da referida autora, constata-se que as variações repentinas de humor dos filhos podem ser recebidas de diferentes formas pelo mundo adulto. O modo como são desenvolvidas as relações afetivas é responsável por criar o ambiente em que qualquer indivíduo construirá sua relação com o mundo, bem como suas estruturas psíquicas e formas de lidar com elas.

Por esse motivo, torna-se importante compreender previamente como esse contexto é elaborado pelo adolescente.

O trabalho com os pais e a família é fundamental para o sucesso da intervenção com os adolescentes, pois eles são os principais responsáveis pela criação do ambiente emocional, social e cultural em que os jovens se desenvolvem (ABERASTURY E KNOBEL 1981 p. 97).

A família dos adolescentes muitas vezes tem uma reação contraditória diante do afastamento da proteção parental e do enfrentamento de situações. Por um lado, incentiva-se a independência, a autonomia e maior comprometimento. Por outro, há resistência à perda da dependência, o que gera ambivalências constantes. Os adolescentes oscilam entre comportamentos infantis e atitudes adultas, em um processo de progressões e regressões. Eles desejam autonomia e liberdade, mas ao mesmo tempo experimentam temores e inseguranças em relação a essas mudanças.

Logo, a adolescência vem a ser uma fase crucial da vida, em que ocorrem diversas transformações físicas, emocionais e sociais. O processo de luto simbólico vivenciado pelos adolescentes pode gerar instabilidade e afetar o desenvolvimento psicológico, por isso é essencial que se entenda como esse contexto é elaborado pelo indivíduo.

O papel da família e do ambiente em que o adolescente se desenvolve é fundamental nesse processo, sendo necessário que os pais ofereçam suporte e compreensão nessa fase de transição para a vida adulta. Maurício Knobel (1981),

ênfatiza que apenas quando os adultos compreendem e ajudam apropriadamente o processo evolutivo dos adolescentes, é que eles serão capazes de se desenvolver de forma satisfatória, construindo uma personalidade mais equilibrada e feliz.

2.3 AUTOLESÃO: UM PEDIDO DE SOCORRO

Neste capítulo, será abordada a temática da autolesão de Reis, (2021), alega que esse fenômeno tem despertado interesse e atraído olhares, de variadas pessoas. Seja por curiosidade originada em reportagens na televisão ou por um desejo de compreender epistemologicamente este fenômeno, os indivíduos que buscam compreender a autolesão revelam, surpreendidos pela realidade complexa, a grandeza do mal-estar enraizado na sociedade atual. Este autor, destaca ainda que cada vez mais pessoas têm demonstrado interesse na temática investigada neste estudo. Diversos profissionais, como psicólogos, pedagogos, assistentes sociais, médicos e enfermeiros, além de pais e professores, estão preocupados com o aumento da autolesão entre adolescentes, principalmente dentro de casa e na escola.

A autolesão segundo Giusti, (2013), consiste em comportamentos intencionais de agressão direta ao corpo, sem intenção consciente de suicídio. Tais comportamentos são comumente empregados como meio para reduzir sentimentos ou emoções negativas, tornando-se táticas de enfrentamento ineficazes diante de problemas na gestão emocional, (APA, 2014). No entanto, existem outros comportamentos que também são considerados auto lesivos, como queimaduras, mordidas e arranhões, entre outros.

De acordo com DSM-5, o termo autolesão está associado diversos quadros, sendo indicado também como condição isolada de outros transtornos, bem como, a denominação de autolesão não suicida, indicada como um transtorno em si. Este manual apresenta alguns critérios que identificam o diagnóstico desta condição, os quais serão apresentados a seguir:

- a) No último ano, o indivíduo se engajou, em cinco ou mais dias, em dano intencional auto infligido à superfície do seu corpo provavelmente induzindo sangramento, contusão ou dor (p. ex., cortar, queimar, fincar, bater, esfregar excessivamente), com a expectativa de que a lesão levará somente a um dano físico menor ou moderado (i.e., não há intenção suicida). Nota: A ausência de intenção suicida foi declarada pelo indivíduo ou pode ser inferida por seu engajamento repetido em um comportamento que ele sabe, ou aprendeu, que provavelmente não resultará em morte. B. O indivíduo se

engaja em comportamento de autolesão com uma ou mais das seguintes expectativas: 1. Obter alívio de um estado de sentimento ou de cognição negativos. 2. Resolver uma dificuldade interpessoal. 3. Induzir um estado de sentimento positivo. Nota: O alívio ou resposta desejada é experimentado durante ou logo após a autolesão, e o indivíduo pode exibir padrões de comportamento que sugerem uma dependência em repetidamente se envolver neles. C. A autolesão intencional está associada a pelo menos um dos seguintes: 1. Dificuldades interpessoais ou sentimentos ou pensamentos negativos, tais como depressão, ansiedade, tensão, raiva, angústia generalizada ou autocrítica, ocorrendo no período imediatamente anterior ao ato de autolesão. 2. Antes do engajamento no ato, um período de preocupação com o comportamento pretendido que é difícil de controlar. 3. Pensar na autolesão que ocorre frequentemente, mesmo quando não é praticada. D. O comportamento não é socialmente aprovado (p. ex., piercing corporal, tatuagem, parte de um ritual religioso ou cultural) e não está restrito a arrancar casca de feridas ou roer as unhas. E. O comportamento ou suas consequências causam sofrimento clinicamente significativo ou interferência no funcionamento interpessoal, acadêmico ou em outras áreas importantes do funcionamento. O comportamento não ocorre exclusivamente durante episódios psicóticos, delirium, intoxicação por substâncias ou abstinência de substâncias. Em indivíduos com um transtorno do neurodesenvolvimento, o comportamento não faz parte de um padrão de estereotipias repetitivas. O comportamento não é mais bem explicado por outro transtorno mental ou condição médica (p. ex., transtorno psicótico, transtorno do espectro autista, deficiência intelectual, síndrome de Lesch-Nyhan, transtorno do movimento estereotipado com autolesão, tricotilomania [transtorno de arrancar o cabelo], transtorno de escoriação (American Psychiatric Association, 2014, pg.803)

É crucial destacar, que independente de sua classificação, a autolesão não deve ser ignorada, pois, pode ocorrer associado a esse tipo de comportamento, um intenso quadro de sofrimento por parte de quem o pratica. Nas contribuições de Giusti (2013), o corte, o qual vem sendo expresso no corpo do sujeito não tem como finalidade chamar atenção do outro. Não constituem um tipo de “birra” de adolescentes revoltados sem causa. A prática de automutilação objetiva, para 75% dos entrevistados por Giusti (2013), como uma tentativa de “parar sensações ruins”. Dentre os entrevistados, 70% responderam que o objetivo é “aliviar sensação de vazio” ou “autopunição”. Somente 7,5% disseram querer chamar atenção (GIUSTI, 2013, p. 77).

Neste contexto, Brandão Junior & Canavês (2018), relata que, na tentativa de enfrentar as transformações e conflitos do adolescer, muitos jovens acabam prejudicando a si próprios por meio da autolesão, que consiste em ferir os braços, coxas e peitos para aliviar a dor que sentem, sem encontrar outras maneiras de se expressar. Sendo assim, quando lidamos com alguém que apresenta comportamento auto lesivo, é crucial evitar qualquer tipo de crítica ou julgamento,

bem como evitar fazer comparações que possam diminuir o sofrimento dessa pessoa.

Identificar se um adolescente está praticando autolesão é algo difícil, pois, muitas vezes, o indivíduo busca esconder suas lesões devido ao constrangimento ou por acreditar que esse comportamento é inaceitável pela sociedade. Assim, é indispensável seguir as orientações de Quesada et al. (2020), a fim de detectar possíveis sinais deste comportamento: Ficar em alerta quando o indivíduo começa a usar roupas para ocultar áreas traumatizadas, mesmo em locais de clima quente; a pessoa passa repentinamente a se isolar, deixa de praticar atividades físicas anteriormente realizadas; muda seu temperamento e humor e está em frequente agressividade, baixa autoestima, autocobrança; falta de higiene; dificuldade para dormir ou sono descontrolado, perda de atenção em relação a cuidados pessoais, dentre outros fatores.

Além disso, de acordo com os autores descritos acima, é importante levar em conta elementos externos que não estão sob o controle da pessoa, como a exposição ao bullying ou cyberbullying, carência de afeto e atenção da família, e falta de reconhecimento e valorização. Quesada et al. (2020), oriente ainda, que em um cenário em que uma pessoa apresenta comportamento de autolesão, é crucial oferecer um ambiente amigável, pacífico e carinhoso, no qual a ausência de julgamentos, críticas e exclusão seja evidente.

Em outras palavras, é fundamental estabelecer uma conexão sólida e baseada no diálogo, com atenção, solidariedade e afeto, visto que a necessidade mais premente da pessoa é de apoio emocional e social.

Neste contexto, acreditamos que uma investigação da origem desse processo sob a perspectiva da Psicanálise, ou seja, a partir da formação psicológica do indivíduo, pode auxiliar nos estudos sobre como enfrentar o desafio de assegurar ao adolescente um papel de protagonismo em sua própria vida.

2.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O MAL-ESTAR NA ADOLESCENCIA

Na década de 1930, Freud escreveu um importante trabalho intitulado O Mal-Estar da Civilização, que é considerado um texto perene, capaz de resistir ao tempo mesmo diante de importantes acontecimentos históricos. Esse trabalho trata do sofrimento vivido pelo sujeito, que se sente incapaz de se relacionar com o mundo e

com as outras pessoas, pois enfrenta dificuldades de existência e falta de algo essencial em sua vida. Esteves, (2021), afirma que hoje em dia, o mal-estar pode ser considerado um sintoma da condição pós-moderna, na qual os seres humanos precisam de ideias e representações que os protejam do risco da morte e da finitude, mas parecem não encontrar essas ideias em um mundo desprovido de ilusões.

O desconforto freudiano é inerente e é causado pelo fato de que a sociedade exige de cada um de nós um sacrifício pessoal, bem como da humanidade como um todo. Essa renúncia é relatada na psicanálise como a origem do conflito psíquico, postulado por Freud, (1923), entre o ISSO (princípio do prazer) e o EU (princípio da realidade). O que ocorre é que essa disputa não se baseia exclusivamente em opiniões opostas, como acontece nos confrontos políticos e financeiros convencionais, mas gera uma sensação de incômodo oriunda da conexão entre o ser humano e o mundo.

Para Esteves, (2021), uma questão intrigante surge: por que a humanidade optou por abandonar a natureza selvagem? Dentro dela, não existiriam restrições para as pulsões, os desejos seriam saciados em momentos intensamente prazerosos, sem a presença de culpa ou angústia, uma vez que não haveria contato com o princípio da realidade.

Verdadeiramente, deixar de lado o projeto civilizacional poderia nos livrar da angústia que é inerente à nossa cultura. No entanto, sem a existência de uma comunidade, sem laços sociais e emocionais, sem normas, regras e leis, o corpo meramente biológico não seria capaz de sobreviver sem o cuidado e amor de outros seres humanos mais experientes (ESTEVES, 2021).

De acordo com Freud, (1930), nós, seres humanos, possuímos três grandes vulnerabilidades que podem nos ameaçar e se tornar fontes de sofrimento, o que nos diferencia dos outros seres vivos: (1) as forças avassaladoras e implacáveis da natureza, (2) a ameaça de degradação e declínio que vem do nosso próprio corpo e (3) o sofrimento proveniente das conexões que estabelecemos com os outros. Esteves (2021), afirma, mais uma vez que, a presença da civilização se faz imprescindível para lidarmos com nossas fragilidades.

Contudo, tal aspecto demanda de nós muita dedicação, visto que há muitas exigências, tais como normas, leis e uma série de renúncias que podem resultar em enfermidades e nos afastar da busca pela realização do prazer supremo. Apesar

disso, baseados em estudos feitos por Freud (1930), compreendemos que não podemos desistir de buscar a felicidade. Como então, conseguir energia para prosseguir com o projeto civilizacional, sem permitir que o "eu" seja absorvido pelo "isso"

Baumann, (1998), um escritor que examina a sociedade contemporânea e a classifica como uma nova era - a pós-modernidade - discute em uma de suas obras a relação com o texto de Freud, afirmando que a sociedade atual é significativamente distinta daquela existente durante os tempos de Freud. Em sua obra, o mal-estar na pós-modernidade, Baumann discute como a sociedade contemporânea exige que as pessoas consumam e sejam constantemente satisfeitas, o que tem impactos significativos na vida do homem pós-moderno. Esse imperativo contrasta com a ênfase na renúncia e moderação, que era o lema social da modernidade.

Este mesmo autor, afirma aborda que a passagem social que estamos vivenciando está produzindo um momento de conflito, desconforto e grande sofrimento. Este cenário está cercado por inúmeros dilemas para a construção da subjetividade do adolescente, que é também uma fase de transição repleta de tensões decorrentes do afastamento do ambiente familiar, da experiência da distância da infância e do medo das novas decisões e escolhas que devem ser tomadas.

Esse autor, afirma ainda que na nossa sociedade pós-moderna, marcada pelo consumismo e pelas imagens, é que o adolescente encontra os recursos sociais necessários para enfrentar esta passagem, baseados em relações sociais efêmeras e instáveis, que fazem com que o superego fique na tensão entre identificações egoístas e altruístas, ao longo da trajetória que vai do autoerotismo infantil às escolhas que moldam a subjetividade.

Nesta perspectiva, há um desconforto incômodo que reside no íntimo do indivíduo moderno, como afirmado por Freud (1996). Essa angústia pode gerar uma variedade de sintomas, tais como tricotilomania, ansiedade, neuroses obsessivas, automutilação e até mesmo suicídio. Segundo Laplanche (1991), é importante mencionar a tendência persistente de repetir os sintomas, especialmente aqueles relacionados à automutilação. As pessoas recorrem a cortes dolorosos no corpo simbólico para aliviar sua dor emocional, mas isso acarreta cortes profundos no

corpo físico. Portanto, o corpo tanto real quanto imaginário é afetado pelas agressões auto infligidas.

Reis, (2021), complementa, a atualidade, sem dúvida, tem experimentado uma grande variedade de desconfortos, com questionamentos que diferem dos tempos passados. As mudanças provocadas pela era pós-moderna na moralidade, na ética e nos costumes, criaram uma sociedade mais igualitária, horizontalizada. O mundo não é mais ordenado por uma hierarquia rígida.

Com a perda de valores tradicionais e a valorização cada vez maior da individualidade e da autonomia, muitos adolescentes podem se sentir perdidos e sem propósito na vida.

Suspeita-se, portanto, que a incidência de automutilação e autolesão na adolescência aponta um novo paradigma de angústia, que não mais a angústia do homem traumatizado, mas, especialmente, a angústia do sujeito cujas possibilidades são tantas que se encontra fortemente petrificado frente às possibilidades de um laço social relativizado, desprovido da rigidez hierárquica, como o vigente na pós-modernidade (REIS, 2021, PG. 11).

A pressão social por sucesso, popularidade e beleza também pode contribuir para um sentimento de inadequação e inferioridade, levando alguns jovens a praticar autolesão, como uma forma de lidar com a dor emocional. Além disso Reis (2021), alega que a exposição constante a imagens perfeitas e idealizadas nas redes sociais pode criar uma expectativa impossível de ser alcançada, gerando frustração e desespero. A autolesão pode ser vista como uma forma de controle sobre um corpo e uma mente que parecem estar fora de controle.

É importante que a sociedade como um todo esteja atenta a esses sinais de sofrimento e ofereça apoio e acolhimento aos adolescentes que estão passando essa fase de transição tão delicada. A prevenção da autolesão passa pela promoção da saúde mental, pelo fortalecimento dos laços familiares e sociais e pela oferta de tratamento adequado para quem já está utilizando a autolesão como forma de lidar com a angústia e o sofrimento emocional.

3. METODOLOGIA

Para Lima e Mito, (2007), realizar uma pesquisa bibliográfica envolve seguir um conjunto estruturado e organizado de métodos de busca para encontrar respostas relevantes para o objeto de estudo. Esse autor destaca que, na pesquisa bibliográfica, a leitura venha a ser como a técnica mais importante, pois permite a identificação de informações e dados do material selecionado, sendo possível analisar a consistência das informações e as relações entre elas.

A pesquisa dos artigos foi feita nas seguintes bases de dados: Google acadêmico e Scientific Electronic Library Online (SciELO) que armazenam materiais diversos, como teses, livros, capítulos de livros, relatórios técnicos periódicos relativos às ciências da saúde.

Os requisitos para a inclusão foram: o uso dos idiomas português, inglês e espanhol; a disponibilidade do texto completo; a presença dos descritores: Adolescente; automutilação; autolesão e psicanálise, e a data de publicação entre janeiro de 2012 a maio de 2023, com exceção do artigo de Ana Bock (2020), o qual foi de suma importância para o estudo da construção histórica da adolescência. Foram incluídas ainda, obras e autores contemporâneos como: Arminda Aberastury (1981), Mauricio Knobel (1981) e Sigmund Freud (1929-1930).

Os critérios eleitos para exclusão envolveram: os artigos de acesso pago, os não disponíveis por completo nos periódicos, os artigos repetidos, e aqueles munidos de diferentes descritores e temas incompatíveis com o objeto de estudo.

4. RESULTADOS

Através da busca realizada com o descritor “Autolesão” foram encontrados 14.200 artigos, incluindo temas diversos e alheios aos objetivos da pesquisa. A utilização dos campos específicos e dos filtros citados no tópico anterior, possibilitou a seleção de 12 artigos. Assim resolveu-se associar os demais descritores para aprimorar a busca. Inicialmente aplicou-se a dupla de descritores Autolesão-adolescência, mantendo-se os passos seguidos anteriormente e obteve-se 209 artigos que após serem filtrados e excluídos os repetidos, restaram 3 que puderam ser selecionados.

A seguir, foi utilizado o trio de descritores, Adolescência-Psicanálise-autolesão, resultando em 18 artigos que passaram por filtro, sendo que, desses, apenas 1 artigo foi selecionado. Após leitura minuciosa dos 10 artigos selecionados, foram analisados os aspectos abordados pelos respectivos autores quanto ao fenômeno da autolesão numa perspectiva psicanalítica.

4.1 ASPECTOS GERAIS

A amostra abaixo foi composta por 10 artigos. O quadro 01 apresenta uma condensação dos artigos que foram incluídos nesta revisão, oportunizando, assim, a classificação dos seguintes tópicos: Autor do artigo, o título, o ano, os objetivos e as conclusões.

| AUTOR | TÍTULO | ANO | OBJETIVO | CONCLUSÕES |
|--|---|------|---|--|
| ALVES, Lucas Henrique Barbosa | Algumas considerações sobre a adolescência | 2020 | apresentar a importância da atuação da família e da escola na fase da adolescência | Na adolescência se define personalidades, gostos e formam- se diversos conceitos relacionados ao |

| | | | | |
|--|---|------|---|---|
| | | | | que a sociedade oferece. |
| CORSO, Mário | Eu me inscrevo, me descrevo: escrevendo em mim. | 2012 | Apreender o corpo como um espaço de inscrição simbólica. | Reflete sobre as inscrições corporais pigmentadas na pele, como possíveis formas identitárias e integradoras, que estabelecem a comunicação entre mundo interno e externo, corpo e mente. |
| COUTINHO, Luciana Gageiro; CARNEIRO, Cristiana | Infância, adolescência e mal-estar na escolarização: interlocuções entre a psicanálise e a educação | 2016 | Contribuir para o enfrentamento das dificuldades vividas por educadores e alunos no que diz respeito à instituição escolar através de uma investigação sobre o “mal-estar na escolarização de crianças e adolescentes”. | Apresenta o extrato de um dos casos acompanhados pela pesquisa que nos permite uma discussão acerca do diagnóstico de TDAH e da medicalização da vida escolar. |
| DE NOVAIS | o mal-estar inscrito no corpo | 2021 | Discutir o fenômeno do self | Apresenta dados referentes à |

| | | | | |
|---|--|------|---|--|
| REIS, Maurício | adolescente. (| | cutting numa perspectiva psicanalítica. | incidência de automutilação em adolescentes. |
| DE OLIVEIRA, Isabella Rosa | Estruturas na Psicopatologia: Uma (Re) Visitação de Conceitos. | 2012 | Revisitar os conceitos psicopatológicos em psicanálise. | Revisitar os conceitos psicopatológicos é fazer uma tentativa de compreender e aprender a olhar os novos sintomas que se colocam na clínica |
| DUTRA, Suzanna Martins; MARAN, Maria Luísa Casillo Jardim | Automutilação na adolescência: um fenômeno psicossocial da contemporaneidade e. (2022) | 2022 | O objetivo do estudo foi explorar a influência de fatores presentes na contemporaneidade de relacionados à incidência da automutilação em adolescentes. | Compreendeu-se que a contemporaneidade e é permeada de um mal-estar que acomete os indivíduos. Na adolescência, percebe-se a solidão e o desamparo como interferências à simbolização e à elaboração da dor emocional. |
| ESTEVES, Pamela Suelli da Motta | Subjetividades dilaceradas: a automutilação como testemunho corporal da angústia do adolescer no | 2019 | O objetivo do estudo foi explorar a influência de fatores presentes na contemporaneidade | A autolesão torna-se expressão do sofrimento e do mal-estar que inundam os sujeitos. Simultaneamente, |

| | | | | |
|---------------------------------------|--|------|--|---|
| | espaço escolar. | | de relacionados à incidência da automutilação em adolescentes. | as redes sociais tornam-se interlocutoras do sofrimento, contribuindo para o contágio da prática. |
| GIUSTI, Jackeline Suzie | Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo | 2013 | Relacionar autolesão com pacientes com transtorno obsessivo compulsivo. | Pacientes adultos com automutilação apresentam este comportamento desde a adolescência e os tipos de automutilação apresentados por eles são de intensidade moderada a grave, além de associarem diferentes tipos de automutilação. |
| GOMES, Beatriz Corrêa da Silva et al. | A medicalização a partir da autolesão. | 2019 | Avaliar a frequência e as características da autolesão entre adolescentes. | Atenta-se para o número de adolescentes que praticam a autolesão, a predominância entre o público feminino. |
| ZAPPE, | Comportamentos | 2018 | Analisar o | Foi possível |

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| <p>Jana Gonçalves; ALVES, Cássia Ferrazza; DELL'AGLI O, Débora Dalbosco.</p> | <p>de risco na adolescência: revisão sistemática de estudos empíricos.</p> | | <p>conhecimento sobre comportamentos de risco na adolescência.</p> | <p>identificar a epidemiologia dos comportamentos de risco e os fatores de risco e proteção nas dimensões pessoais, interpessoais e contextuais. Futuros estudos devem considerar diversos comportamentos de risco simultaneamente, assim como fatores pessoais, interpessoais e contextuais envolvidos.</p> |
|--|--|--|--|--|

Fonte: Autor, 2023

5. DISCUSSÃO

Após a análise dos artigos selecionados, foram estabelecidas três categorias temáticas, que foram divididas em subcategorias. Nas seguintes subcategorias, serão apresentados os principais resultados encontrados durante a revisão, relacionados aos objetivos definidos: Compreender a formação histórica da adolescência, observamos que há várias compreensões da adolescência, que divergem dependendo da abordagem teórica utilizada. Abordamos sobre as lutas vividas pelos adolescentes e ainda sobre os lutos simbólicos desse mesmo período e ainda discorremos sobre as marcas corporais e o mal-estar postulado por Freud e por Bauman.

5.1 COMPREENDER A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA ADOLESCÊNCIA

Percebemos que, existem múltiplas interpretações da adolescência que variam de acordo com a perspectiva teórica adotada. Segundo Rassial (1999), na teoria psicanalítica, a adolescência é definida levando-se em conta que o objeto de estudo é o sujeito do inconsciente, ou seja, aquele que deve ser analisado em termos de seu processo de constituição psíquica, e não apenas da idade cronológica.

Ao mesmo tempo em que isso ocorre, há também a necessidade de se desvincular das influências parentais e buscar novas formas de identificação e ideais.

Segundo Freud (1914), é preciso haver a separação dos pais como modelos a serem seguidos e transferir essa identificação para outras referências, a fim de superar o Complexo de Édipo e seguir em direção à vida adulta.

As ramificações das ações emocionais que se desenvolvem durante esta fase terão impacto na vida do indivíduo para sempre. Este é um estágio marcado por mudanças significativas, que trazem crises e fazem com que o adolescente procure maneiras de aliviar ou suavizar a ansiedade que geralmente vem junto com as transições da adolescência.

Para Freud (1925), a fase de transição da infância para a adolescência é marcada por uma grande dor emocional, uma vez que é necessário enfrentar diversas mudanças em um período relativamente curto de tempo. Autores como Bock (2007) e Lirio (2012), destacam que as sociedades antigas tinham a

representação dos jovens como indivíduos naturalmente rebeldes e pouco interessados nas normas sociais, que não eram capazes de tomar decisões sensatas sem a ajuda dos mais experientes.

Atualmente Lirio (2012), dispõe que a adolescência é uma etapa crucial e intrincada da existência humana, caracterizada por transformações físicas, psicológicas e sociais. A formação dessa fase varia conforme elementos pessoais, culturais e sociais, e pode constituir-se em um momento muito exigente para os adolescentes.

5.2 DAS LUTAS E LUTOS DO ADOLESCENTE

O autor Knobel, (1981), postula que a adolescência é um período de lutas que ocorrem em três níveis: o pessoal, o social e o político. No nível pessoal, a luta se concentra na busca pela identidade e autoconhecimento, em que os jovens questionam quem são, o que querem e qual é o seu papel no mundo.

No nível social, a luta é pela aceitação e integração em grupos sociais e pelo desenvolvimento de relacionamentos saudáveis. Por fim, no nível político, a luta é pela compreensão do mundo em que vivem e pela construção de uma visão crítica e consciente sobre a realidade social e política. No primeiro nível, a luta pessoal, os adolescentes enfrentam uma série de desafios que envolvem sua autoimagem e identidade. Eles precisam lidar com questões como a orientação sexual, a formação de valores, a construção da autoestima e a descoberta de novas habilidades. É uma fase de autoconhecimento e descoberta, em que muitas vezes os jovens se sentem perdidos e confusos, e precisam buscar ajuda e orientação para encontrar seu caminho.

No segundo nível, a luta social, os adolescentes precisam lidar com a pressão do grupo, o sentimento de pertencimento e a necessidade de se relacionar com os outros. É uma fase de busca por identificação com grupos, onde os adolescentes podem se sentir excluídos, discriminados ou rejeitados. Eles precisam aprender a lidar com as diferenças e desenvolver habilidades sociais para construir relacionamentos saudáveis e duradouros. Em resumo, os lutados da adolescência postulados por Knobel incluem a busca pela identidade e autoconhecimento, a integração social e a compreensão crítica do mundo em que vivem.

Em conjunto com Knobel, Arminda Aberastury, descreve ainda, que nessa fase, o adolescente vive lutos: 1. Luto pela infância perdida: nesta fase, o

adolescente sente nostalgia da infância e da inocência perdida. Eles podem sentir falta de coisas simples como dormir com um bicho de pelúcia ou brincar no parque. Isso é normal, mas muitas vezes é difícil para os pais entenderem esse sentimento e podem tomar atitudes erradas como diminuir a importância desse sentimento ou ridicularizar esse sentimento.

2. Luto pelo corpo infantil: durante a adolescência, o corpo passa por mudanças significativas, como o crescimento de pelos, surgimento de acne e desenvolvimento do corpo. Essas mudanças podem ser desafiadoras para o adolescente, que precisa se adaptar a um corpo que não reconhece. Além disso, a pressão social para atender às normas de beleza do corpo também pode ser um desafio enorme.

3. Luto pelos pais ideais: na adolescência, os adolescentes começam a ver seus pais como pessoas imperfeitas, ao invés de heróis ou figuras perfeitas.

Seguindo as ideias de Aberastury (1981), esses lutos simbólicos podem ser difíceis para o adolescente, pois se depara com a realidade de que seus pais não são perfeitos e que eles têm seus próprios problemas e limitações. Os pais dentro de suas limitações devem deixar claro aos filhos que são humanos e erram, assim como precisarão dos seus filhos em muitos momentos da vida.

No entanto, muitos jovens desejam ver nos pais figuras perfeitas e imaculadas, que sirvam como referência para suas vidas. Quando essa ilusão é quebrada e os pais mostram-se falhos e humanos, há uma frustração natural, que pode gerar decepção e até mesmo um conflito interno. Uma saída para esse impasse é oferecer ao adolescente a possibilidade de ser reconhecido por seus pares.

O ambiente escolar, por exemplo, pode ser um espaço onde o jovem pode se expressar, seja em atividades comuns ou em grupos específicos, que reúnam interesses e afinidades. Desse modo, seguindo ainda a ideia dos autores acima, o adolescente pode deixar de buscar nos pais a figura perfeita e passar a se ver como um indivíduo único, com sua própria personalidade e identidade. Isso não significa abandonar totalmente a relação com a família, mas sim não depender exclusivamente dela para a construção de sua identidade.

A descoberta da humanidade dos pais, segundo Knobel (1981), é um passo importante no caminho rumo à autonomia e à individuação. Cabe aos pais apoiar o

adolescente nessa busca por um lugar onde se sinta integrado e valorizado, permitindo-o a assumir sua própria vida com independência e confiança.

5.3 DAS MARCAS CORPORAIS E O MAL-ESTAR

Em relação ao uso de marcas corporais, presente em diversas culturas desde as mais antigas civilizações, verifica-se atualmente a grande presença da prática de marcar o corpo na adolescência (CORSO, 2012; COSTA, 2003).

De acordo com as observações feitas por Giusti (2013), o gesto de automutilação não tem o objetivo de atrair a atenção externa e não deve ser associado à rebeldia infundada de jovens adolescentes. Em sua maioria, os indivíduos buscam fugir de algum tipo de dor psíquica. Segundo Freud (1905), o adolescente pode ser considerado como um indivíduo neurótico devido ao encontro com a realidade do sexo na puberdade, que traz à tona fantasias ligadas ao aspecto sexual infantil.

A falha na função paterna durante a infância leva à desconexão do adolescente com seus pais, causando a falha no complexo de Édipo e a sensação de castração. Esse evento na infância gera uma neurose que é retomada na adolescência quando conteúdos inconscientes e recalçados voltam, levando a muitas tentativas de suicídio ou busca por experiências perigosas.

Ao mal-estar ocasionado pela passagem social vivida na fase da adolescência, a transitoriedade e incerteza das conexões sociais levam o superego a equilibrar a influência do egoísmo e do altruísmo, desde a fase de autoerotismo infantil até as decisões que moldam o eu interior. Freud pontua em sua obra o mal-estar na civilização (1930) que é crucial termos a civilização presente para enfrentar nossas fraquezas. No entanto, essa necessidade requer um grande empenho de nossa parte, já que há muitas demandas, como regulamentos e leis, e muitas abdições que podem causar doenças e nos impedir de alcançar a busca pelo êxtase máximo.

Para Baumann (1998), o mal-estar é um sentimento de desorientação, insegurança e insatisfação que afeta indivíduos e sociedades em um mundo cada vez mais complexo e volátil. Ele argumenta que o mal-estar é causado pela falta de estruturas sólidas e duráveis, pela rápida mudança social e pelo colapso das certezas estáveis, como a identidade, o trabalho e o amor.

Em uma análise comparativa entre Freud (1929) e Baumann (1998), é possível perceber que os dois autores apresentam diferentes perspectivas sobre o sofrimento humano. Enquanto para Freud, o sofrimento está relacionado com um sentimento de insatisfação e angústia provenientes das limitações da vida em sociedade e da repressão dos desejos e instintos, para Baumann o mal-estar é uma sensação de desconforto e ansiedade causado pela falta de uma compreensão clara das condições e expectativas da vida moderna.

Para Freud, o sofrimento se origina da tensão entre os impulsos primitivos do indivíduo e as exigências impostas pela sociedade. Essa tensão é gerada pela necessidade de reprimir os desejos e instintos naturais em prol da adaptação social. Assim, o mal-estar se manifesta como um sentimento de insatisfação e angústia, uma vez que indivíduo é impedido de realizar seus desejos mais profundos e de se expressar livremente.

Já para Baumann, o mal-estar é uma consequência da complexidade e falta de previsibilidade da vida moderna. O indivíduo se sente perdido em um mundo de incertezas e ambiguidades, sem saber ao certo quais são as suas expectativas e quais caminhos deve seguir. Esse desconforto e ansiedade gerados pela falta de clareza nas condições e expectativas da vida moderna podem levar ao sofrimento, pois o indivíduo sente-se incapaz de compreender e se adaptar às mudanças constantes da sociedade contemporânea.

Dessa forma, pode-se concluir que, para ambos os autores, o sofrimento humano está relacionado com as dificuldades de adaptação às exigências e mudanças impostas pela sociedade. No entanto, para Freud, o mal-estar é gerado pela tensão entre os impulsos naturais e as normas sociais, enquanto para Baumann é causado pela falta de clareza e previsibilidade da vida moderna.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha por analisar a autolesão de uma perspectiva psicanalítica teve como intuito não apenas a produção teórica para fins acadêmicos, mas, trazer uma revisão das discussões em torno dos conceitos de autolesão, mal-estar e adolescência na psicanálise. Compreendemos que essa revisão é importante para que se possa lidar de maneira adequada com as questões que envolvem a autolesão em adolescentes, criando-se intervenções mais efetivas e possibilitando uma maior compreensão da subjetividade desse público.

Entendemos que a adolescência está envolta a uma complexidade psíquica, no qual as ações que se desenvolvem nesse período são fundamentais para definir a formação da identidade do indivíduo. Resumidamente, os desafios enfrentados na adolescência, segundo Knobel, abrangem a descoberta da identidade pessoal e autoconsciência, a inclusão social e uma perspectiva crítica do ambiente ao redor.

Essas ações influenciam a maneira como o sujeito irá interagir com outros indivíduos e eventos que ocorrerão em sua vida posteriormente. Percebemos também que a imagem do corpo púbere e a nova relação com os pais provoca a passagem de lutos vividos pelos jovens e por seus cuidadores. A transição da autoridade dos pais é vista como uma forma de perda, já que durante a infância, os pais são idealizados e considerados como referências importantes. No entanto, essa percepção instável dos pais é necessária para que os adolescentes possam crescer e se tornar independentes.

Vimos que, além de elaborar lutos, o jovem também, passa por um período de lutas, questionam quem são, o que querem e qual é o seu papel no mundo. Eles enfrentam assuntos como a identidade sexual, a criação de princípios, o desenvolvimento da autoconfiança, questionamento religiosos, e a exploração de aptidões recém-descobertas.

Dessa forma compreendemos que o envolvimento dos pais e da família é indispensável para o êxito do tratamento com os adolescentes, já que estes são os principais responsáveis pela formação do contexto emocional, social e cultural em

que os jovens se desenvolvem. Durante a adolescência, é comum que os jovens criem mecanismos para lidar com suas emoções e aliviar o peso que elas trazem. Essas defesas, não são consideradas problemáticas se fazem parte do processo de crescimento natural, porém podem se tornar patológicas caso o adolescente não consiga elaborar seus medos e fantasias típicos dessa fase ou em situações de traumas.

A autolesão, inicia-se geralmente na adolescência, devido à dificuldade causada por mudanças físicas e mentais. Uma suposição sobre esse fenômeno é a necessidade de ter o controle da própria dor, auto infligindo-se por algo, pois a dor física prevalece sobre a dor emocional. Isto está ligado a sentimentos como a vergonha, autocrítica, impulso, inconstância e dificuldades de expressão durante a adolescência.

A sensação de dor física que surge por meio de autolesões, pode transformar-se em um tipo de prazer ligado a dor. Isso ocorre, devido a endorfina (um neurotransmissor que é popularmente conhecido como "hormônio do bem-estar") ser liberado no organismo de quem se automutila, proporcionando uma sensação de alívio. A sensação experimentada pelas pessoas que se automutilam se assemelha àquelas obtidas após atividades físicas intensas, como praticar esportes ou fazer exercícios aeróbicos em uma academia.

Os indivíduos afetados encontrem prazer em ver o sangue e os cortes, o que pode ser uma revelação para os jovens, cujos corpos estão experimentando mudanças e novas sensações que precisam ser compartilhadas com outros. Essas mudanças são frequentemente perturbadoras para os adolescentes, que experimentam muitas angústias. Em resposta a isso, o adolescente pode recorrer à autolesão como uma forma de lidar com essas emoções, criando uma conexão com a fantasia.

Em psicanálise a resultante da autolesão pode ser atribuída às complicações nos laços interpessoais, especialmente com aqueles que são objeto de desejo. Objeto de desejo é especialmente importante na teoria psicanalítica, onde é considerado um dos principais motivadores das ações humanas. Durante a adolescência, a pessoa é confrontada com o ressurgimento inconsciente do desejo edípico, porém, com o amadurecimento, ela reconhece que é possível realizar esse desejo de uma forma não materializada.

Visto que, a adolescência é caracterizada por sintomas distintos ou pela alteração da sintomatologia, também, essas manifestações, passam a ser transitórias ou possam exigir intervenção terapêutica, têm particularidades não reduzíveis às patologias da infância ou da idade adulta. Além disso, a adolescência está inserida em uma história em que alguns fenômenos ocorridos na infância podem desencadear dificuldades nesse período, ao mesmo tempo em que problemas na adolescência podem deixar marcas na vida adulta. É curioso que ele defina os problemas específicos da adolescência como aqueles que ultrapassam a esfera familiar, afetando o vínculo social. Isso inclui a delinquência, a toxicomania, o suicídio e a anorexia, entre outros, que não são apenas questões individuais, mas também geram mal-estar na cultura, ameaçando os princípios constitutivos da sociedade.

No que tange ao tratamento do sujeito que se auto lesiona, o objetivo central da psicanálise é ajudar o indivíduo a lembrar, reproduzir e processar experiências passadas. Alguns indivíduos adeptos da autolesão costumam não reconhecer a gravidade dos comportamentos prejudiciais, o que pode resultar em falhas ao buscar ajuda ou conselhos. É crucial diagnosticar com precisão o quadro, verificar se há indícios de tendências suicidas, avaliar a natureza das autolesões e iniciar um processo de tratamento adequado. Através do processo de repetição durante a análise, é possível reativar memórias antigas, mas isso requer a transferência para superar quaisquer resistências. A técnica primária utilizada para ajudar o paciente a recordar é a associação livre, conforme descrito por Freud em 1914.

Os resultados deste estudo mostraram que, compreender a autolesão, requer aprimoramento do saber sobre este ato, e ainda, buscar um melhor entendimento sobre a fase da adolescência, de maneira a desmistificar esse momento como “fase difícil”, levando em consideração a subjetividade dos jovens. A análise psicológica pode desencadear a emergência de aspectos mentais reprimidos, que muitas vezes são difíceis de se expressar e geram resistência nos pacientes. O surgimento de emoções intensas ligadas a traumas durante a terapia, muitas vezes, prejudica os progressos no tratamento psicológico (Freud, 1985).

Durante o desenvolvimento do estudo, percebeu-se ainda que a adolescência representa um período de transformações e crescimento, onde o indivíduo se afasta emocionalmente dos pais e começa a enxergar a si mesmo como um adulto. Caso a infância tenha sido marcada por traumas ou rupturas dolorosas no processo, a

transição para a adolescência pode gerar angústia e levar o jovem a comportamentos autodestrutivos, como a autolesão, como forma de lidar com a dor interna. O objetivo da pesquisa foi discutir, com base na psicanálise, como esses processos da adolescência podem levar à um mal-estar e autolesão.

Diante disso, compreendemos entender as possíveis causas desse comportamento é crucial para ajudar aqueles que sofrem com isso. De acordo com especialistas, uma das causas da autolesão pode ser transtornos mentais, como depressão, ansiedade e transtorno bipolar, além de problemas emocionais, como baixa autoestima, insegurança e sentimentos de desesperança.

Além disso, traumas físicos e/ou emocionais também podem contribuir com o comportamento auto lesivo. Percebemos a importância de que profissionais da saúde e da educação estejam cientes disso e saibam como ajudar adolescentes que enfrentam essa situação. O processo de cura pode ser difícil, mas é possível.

Uma das maneiras de ajudar é através da análise, incentivando a expressão da dor e do sofrimento. É fundamental que os analistas evitem o foco na área lesionada e se concentrem no sofrimento e na repetição do comportamento, em vez do sintoma em si.

Assim, é necessário que a população, incluindo adolescentes e suas famílias, sejam conscientizadas sobre os possíveis motivos que levam ao comportamento de autolesão e como identificar e lidar com isso. Aos profissionais envolvidos no tratamento, é importante fornecer opções de tratamento, incluindo terapias, medicamentos ou uma combinação de ambos. Com apoio e orientação adequados, as pessoas que sofrem com a autolesão podem superar os desafios e seguir em frente com suas vidas.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Lucas Henrique Barbosa. **Algumas considerações sobre a adolescência**. Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020.

ALVES, Lynn et al. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **Educação**, v. 8, n. 3, p. 348-365, 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Zahar, 1998.
Laplanche, J.& Pontalis, J.-B. (1991). Vocabulário da psicanálise (3. ed.). São Paulo: Martins Fontes.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, p. 63-76, 2007.

CORSO, Mário. Eu me inscrevo, me descrevo: escrevendo em mim. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. Correio da APPOA. Porto Alegre, n. 211, abr. 2012. p. 49-55

COUTINHO, Luciana Gageiro; CARNEIRO, Cristiana. Infância, adolescência e mal-estar na escolarização: interlocuções entre a psicanálise e a educação. **Psicologia Clínica**, v. 28, n. 2, p. 109-129, 2016.

DE CARVALHO LÍRIO, Luciano. A construção histórica da adolescência. In: **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. 2012. p. 1675-1688.

DE NOVAIS REIS, Maurício. Automutilação: o mal-estar inscrito no corpo adolescente. **Leitura Flutuante. Revista do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise**, v. 13, n. 2, p. 2-19, 2021.

DE OLIVEIRA, Isabella Rosa. Estruturas na Psicopatologia: Uma (Re) Visitação de Conceitos. 2012.

DUTRA, Suzanna Martins; MARAN, Maria Luísa Casillo Jardim. Automutilação na adolescência: um fenômeno psicossocial da contemporaneidade. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 12, p. e205111234468-e205111234468, 2022.

ESTEVES, Pamela Suelli da Motta. Subjetividades dilaceradas: a automutilação como testemunho corporal da angústia do adolescer no espaço escolar. Dissertação

(Mestrado em Psicologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, 2019.

ESTEVES, Pamela Suelli da Motta. Subjetividades dilaceradas: a automutilação como testemunho corporal da angústia do adolescer no espaço escolar. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, 2019.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Editora Cosac Naify, 2014.

FREUD, Sigmund. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Tradução de Paulo César de Souza. **Obras completas**, v. 18, 2011.

GAETE, Verónica. Desarrollo psicosocial del adolescente. **Revista chilena de pediatría**, v. 86, n. 6, p. 436-443, 2015.

GIUSTI, Jackeline Suzie. **Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

GOMES, Beatriz Corrêa da Silva et al. A medicalização a partir da autolesão. 2019.

KNOBEL, Maurício; ABERASTURY, Arminda. Adolescência normal. **Porto Alegre: Artes**, 1981.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista katálysis**, v. 10, p. 37-45, 2007.

MAHTANI, Shireen; MELVIN, Glenn A.; HASKING, Penelope. Propensão à vergonha, enfrentamento da vergonha e funções da automutilação não suicida (NSSI) entre jovens adultos: uma análise desenvolvimental. *Emerging Adulthood*, v. 6, n. 3, p.159-171, 2018.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: **DSM-5** / [American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5.

MATOS, Laydiane Pereira; LEMGRUBER, Karla Priscilla. A adolescência sob a ótica psicanalítica: sobre o luto adolescente e de seus pais. **Psicologia e Saúde em debate**, v. 2, n. 2, p. 124-145, 2017

Ministério da Saúde (Brasil). Cartilha Prevenção Automutilação e Suicídio: Orientações para Educadores e Profissionais de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. 47p.

POLETTI, Julia et al. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. **CONJECTURA: filosofia e educação**, v. 19, n. 2, 2014.

QUESADA, A. A.; NETO, C. H. A.; OLIVEIRA, J. M. O.; GARCIA, M. S. **Noções gerais sobre a automutilação**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2020.

QUESADA, A. A.; NETO, C. H. A.; OLIVEIRA, J. M. O.; GARCIA, M. S. **Noções gerais sobre a automutilação**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2020.

RASSIAL, Jean-Jacques. O sinthoma adolescente. **Estilos da clínica**, v. 4, n. 6, p. 89-93, 1999.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Por que a psicanálise**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2000.

SCHLÖSSER, Adriano; ROSA, Gabriel Fernandes Camargo; MORE, Carmen Leontina Ojeda Ocampo. Revisão: comportamento suicida ao longo do ciclo vital. **Temas em Psicologia**, v. 22, n. 1, p. 133-145, 2014.

SILVA, Rômulo Sousa. Escrito na pele: marcas corporais de conduta autolesiva como páginas de representação de vida. 2017. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)– Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2017.

VIEIRA, Alessandra Aguiar; VORCARO, Ângela Maria Resende. Concepções freudianas sobre a irrupção da puberdade e a etiologia das neuroses. **Psicologia USP**, v. 25, p. 144-154, 2014.

VON MÜHLEN, Mara Cristiane; CÂMARA, Sheila Gonçalves. Revisão narrativa sobre a automutilação não suicida entre adolescentes. **Aletheia**, v. 54, n. 1, 2021.

ZAPPE, Jana Gonçalves; ALVES, Cássia Ferrazza; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Comportamentos de risco na adolescência: revisão sistemática de estudos empíricos. **Psicologia em Revista**, v. 24, n. 1, p. 79-100, 2018.

Página de assinaturas



Mauricio Braga
935.134.371-53
Signatário



Milena Sousa
782.675.873-49
Signatário



Dionis Souza
027.844.665-58
Signatário

Daniela S. Américo





Coordenação de Psicologia

Coordenação Psicologia
005.484.062-78
Signatário



Jheise Miranda
052.167.121-35
Signatário

HISTÓRICO

- | | | |
|-------------------------|---|---|
| 20 jul 2023 14:07:51 |  | Jheise Ioiany Pereira Miranda criou este documento. (E-mail: jhepereiramiranda@gmail.com , CPF: 052.167.121-35) |
| 20 jul 2023 14:10:45 |  | Mauricio Dias Braga (E-mail: direcaomauricio@fadesa.edu.br , CPF: 935.134.371-53) visualizou este documento por meio do IP 170.239.203.20 localizado em Parauapebas - Para - Brazil |
| 20 jul 2023 14:11:04 |  | Mauricio Dias Braga (E-mail: direcaomauricio@fadesa.edu.br , CPF: 935.134.371-53) assinou este documento por meio do IP 170.239.203.20 localizado em Parauapebas - Para - Brazil |
| 20 jul 2023 15:49:13 |  | Milena Vieira Sousa (E-mail: milenavieirasousa@gmail.com , CPF: 782.675.873-49) visualizou este documento por meio do IP 200.124.94.215 localizado em Parauapebas - Para - Brazil |



- 20 jul 2023**
15:49:17  **Milena Vieira Sousa** (E-mail: milenvieirasousa@gmail.com, CPF: 782.675.873-49) assinou este documento por meio do IP 200.124.94.215 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 25 jul 2023**
18:19:11  **Dionis Soares de Souza** (E-mail: dio.ssoares@gmail.com, CPF: 027.844.665-58) visualizou este documento por meio do IP 170.231.134.232 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 25 jul 2023**
18:19:19  **Dionis Soares de Souza** (E-mail: dio.ssoares@gmail.com, CPF: 027.844.665-58) assinou este documento por meio do IP 170.231.134.232 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 31 ago 2023**
21:20:35  **Coordenação de Psicologia** (E-mail: psicologia@fadesa.edu.br, CPF: 005.484.062-78) visualizou este documento por meio do IP 170.239.200.62 localizado em Curionopolis - Para - Brazil
- 31 ago 2023**
21:21:53  **Coordenação de Psicologia** (E-mail: psicologia@fadesa.edu.br, CPF: 005.484.062-78) assinou este documento por meio do IP 170.239.200.62 localizado em Curionopolis - Para - Brazil
- 01 set 2023**
07:20:38  **Jheise loiany Pereira Miranda** (E-mail: jhepereiramiranda@gmail.com, CPF: 052.167.121-35) visualizou este documento por meio do IP 186.0.150.120 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 01 set 2023**
07:21:40  **Jheise loiany Pereira Miranda** (E-mail: jhepereiramiranda@gmail.com, CPF: 052.167.121-35) assinou este documento por meio do IP 186.0.150.120 localizado em Parauapebas - Para - Brazil

